



'Foca na Pauta'

Mães analisam gravidez tardia como forma de renovação e sonho realizado

Mulheres enfrentam sem medo os desafios da maternidade depois dos 40.

Há 2 dias —Em Educação

Mães analisam gravidez tardia como forma de renovação e sonho realizado

Mulheres enfrentam sem medo os desafios da maternidade depois dos 40.

Por Isabela Madeira e Yasmin Vilar *

23/06/2019 06h52 · Atualizado há 2 dias



Mara Candaten com o filho Caio: depois de 12 anos, conseguiu ser mãe por meio de reprodução assistida — Foto: Arquivo Pessoal/ Mara Candaten

O sonho de ver a barriga crescer durante nove meses sempre esteve presente na vida de Mara Candaten. Após uma inseminação artificial aos 50 anos, a gaúcha formada em Educação Física, que mora em Santos, se tornou mãe pela primeira vez. Solteira, ela não teme os desafios de uma maternidade tardia. "Tenho 52, mas sou uma mãe jovem".

Já a terceira gravidez da pedagoga Ana Lúcia Rodríguez, aos 43 anos, foi uma surpresa. A notícia veio numa ida ao ginecologista. "Na hora, foi um

INSCRIÇÕES ATÉ 29/07

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO

CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO em DIREITO, EDUCAÇÃO E SAÚDE COLETIVA

CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL em PSICOLOGIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

CONFIRA OS EDITAIS ABERTOS

turbilhão de emoções. Me perguntava como iria contar para a família que um bebê chegaria em nove meses”, lembra. Hoje, aos 68 anos, ela diz que o nascimento de Marcelo foi sua “renovação como mãe”.

Para a analista de faturamento Andrea Gomes, de 44 anos, o sonho de ser mãe só conseguiu ser realizado por meio de inseminação artificial. O presente veio então em dose dupla, com as gêmeas Yasmin e Pietra. Agora, a “história de amor” com as filhas completou seu primeiro ano. “Nunca perdi a fé em Deus, porque ele sempre nos surpreende”.

As histórias das mães Mara, Ana Lúcia e Andrea envolvem temores, expectativas e, no fim, alegria por terem vencido a barreira da idade. A primeira experiência com a maternidade foi vivenciada por Mara Candaten aos 38 anos. Dentro de um relacionamento, ela conseguiu engravidar de forma natural, mas sofreu um aborto espontâneo com nove semanas. Após a perda da criança, passou 12 anos tentando engravidar novamente, sem sucesso.

Só na quarta tentativa de inseminação o sonho foi realizado. Devido à menopausa, precisou encontrar uma doadora anônima com características semelhantes, como cor dos olhos, estatura, cor do cabelo e saúde. A doação de sêmen veio de um conhecido porque queria algo ligado à sua história. Mas, alerta: “Sou mãe e pai”.

A gravidez ocorreu tranquilamente e foi “o melhor remédio” para o tratamento de ansiedade e síndrome do pânico, que havia desenvolvido. Ela conta que precisou se preparar psicologicamente para enfrentar o preconceito, antes de encarar a gravidez. “Até hoje me perguntam se é meu neto, quando estou com ele na rua, mas não ligo”. Na gravidez, quando contava sobre a gestação, era comum ouvir elogios sobre sua coragem.

Apesar da maturidade, todas as experiências maternas são uma novidade para a gaúcha. Ela cria o filho Caio, hoje com um ano e meio de idade, apenas com o apoio da irmã. As noites em claro e as mudanças na dieta do bebê se tornaram desafios para a mãe de primeira viagem. “Achava que a vida de mãe seria tudo incrível. Só eu e o Caio, mas fiquei frustrada ao não conseguir dar conta de tudo”, lamenta.

Mara admite que a terapia ajudou a lidar melhor com a diferença de 50 anos entre ela e o filho. “É algo que eu evito pensar. A terapia me ensinou a curtir e pensar somente no dia de hoje. Vivemos um dia de cada vez”.



Mãe do terceiro filho aos 44 anos, Ana Lúcia Rodríguez superou todas as dificuldades — Foto: Arquivo Pessoal/ Ana Lúcia Rodríguez

Mudanças

Mesmo com a diferença de 13 anos entre a segunda gestação e a última, Ana Lúcia Rodriguez teve apoio da filha mais velha nas tarefas domésticas. “Apesar do cansaço físico e mental, todas as três gestações foram bem tranquilas. Era como se eu não estivesse grávida, até mesmo aos 44 anos”.

Em 2006, o marido de Ana Lúcia morreu em seus braços, literalmente, com os filhos em volta, vítima de uma parada cardiorrespiratória. “Foi um baque muito grande, e o começo de uma nova etapa da minha vida. Tive que ser a coluna da casa com três filhos, um de 10, um de 23 e a mais velha, de 27 anos. Mas não desisti da vida”.

Um ano após a morte do marido, resolveu que deveria seguir um desejo antigo, e ingressou num curso de Pedagogia. “Era um sonho que ficou adormecido na juventude, mas a vontade voltou quando minha filha me incentivou a fazer magistério”, explica. Para conciliar as duas rotinas, deixava o filho na escola e “corria” para as aulas na faculdade.

Apesar do temor de sofrer preconceito por entrar na universidade aos 54 anos, ela foi surpreendida ao encontrar colegas mais velhas. Oito semestres depois, conseguiu concluir sua primeira graduação, aos 58 anos. “Uma das coisas mais marcantes na minha vida”, comenta.

Dose dupla

Andrea Gomes conta que o desejo da maternidade sempre foi algo presente em sua vida, e ficou ainda mais forte com o casamento, aos 37 anos. Porém, a endometriose impediu a gravidez durante alguns anos.

Ela explica que encontrou uma clínica santista “por intuição”, já que não conhecia nada a respeito. Após uma série de exames, o problema foi identificado. “A idade era a vilã da história, mas com muita luta, medicações e repouso, o resultado positivo veio. Esse dia foi de muita alegria e agradecimento a Deus”.

Na primeira tentativa de inseminação, Andrea diz que foram implantados dois embriões para que as chances aumentassem. Mas o casal ficou com medo de que “dois virassem quatro”. “Era a primeira chance de dar certo ou não”, relembra Andrea.

A confirmação da gestação veio quatro semanas depois. “A princípio, não acreditamos que era real, mas vimos dois pontinhos minúsculos na tela. Ali estavam nossas filhas. Eu estava gerando duas vidas, um sonho que sempre tive”.



Para Andrea Gomes, “idade era vilã”, mas não impediu o nascimento das gêmeas Yasmin e Pietra — Foto: Arquivo Pessoal/ Andrea Gomes

Qualidade dos óvulos

A ginecologista e obstetra Mariana Paiva explica que, após os 35 anos, a mulher vai perdendo, em média, de 8 a 10% de fertilidade por ano. “Após os 40 anos, apenas 8 de 100 mulheres conseguem engravidar de

maneira espontânea. Um dos principais fatores é a qualidade dos óvulos". Além disso, nessa faixa etária, se estima que cerca de 80% das reservas ovarianas podem estar comprometidas com alterações cromossômicas.

"Em gestações tardias, é recomendado o Teste Pré-Natal Não Invasivo para rastrear alterações genéticas", esclarece Mariana Paiva. A gravidez depois dos 40 pode ser tranquila quando a mãe tem boa saúde. Entretanto, doenças como a diabetes se agravam devido à idade mais avançada.

A médica ressalta que, quanto mais cedo a mãe procurar a ajuda de um especialista, maiores serão as chances de o procedimento dar certo. "O uso de um óvulo de 40 anos tem apenas 30% de sucesso, enquanto um de 30 pode chegar a índices de até 60%. Dependendo do caso, é necessário que a mulher considere a ovodação para utilizar óvulos mais novos e potencializar as chances de fertilização".

**Sob supervisão de Alexandre Lopes.*